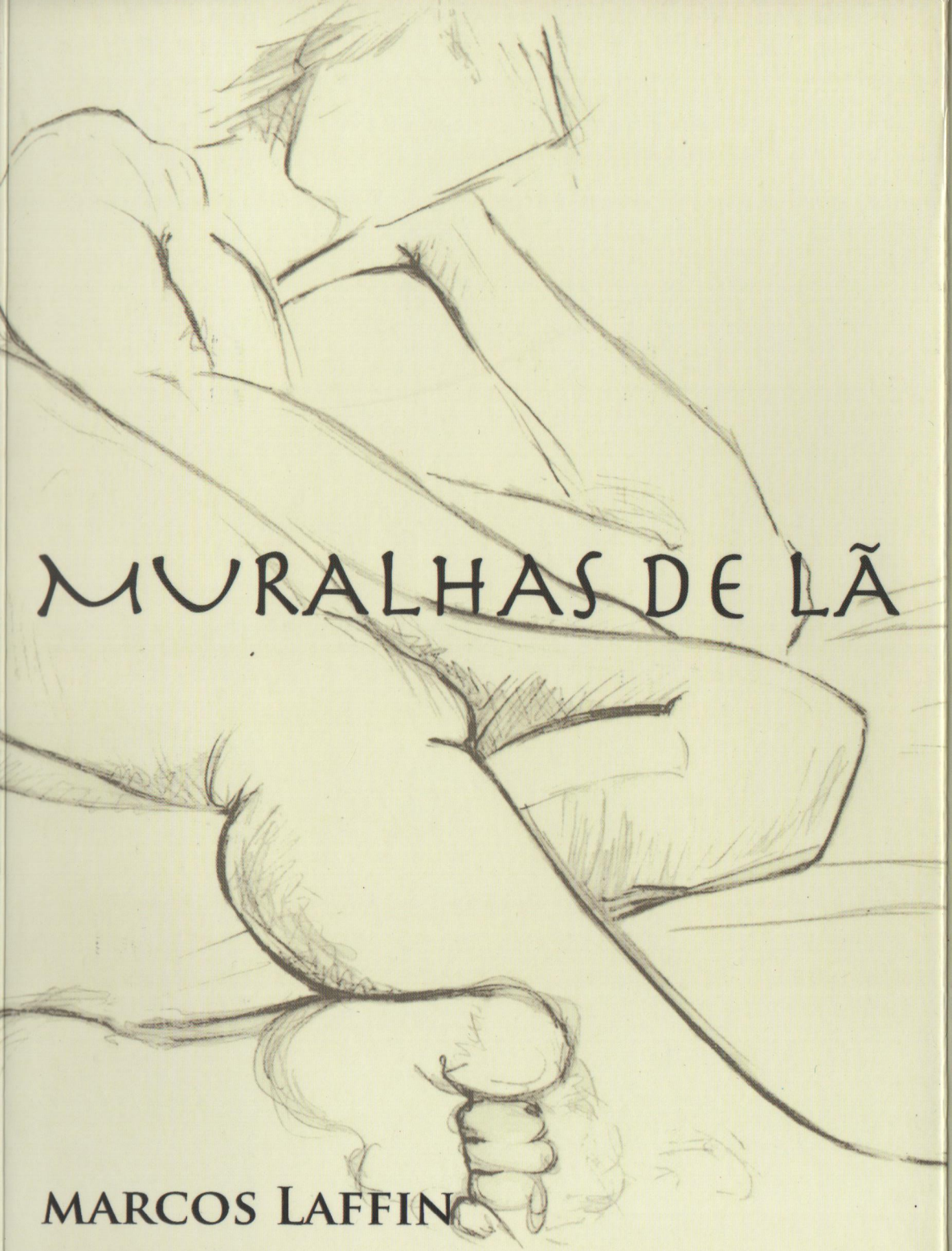
MURALHAS DE LÃ

MARCOS LAFFIN



MURALHAS DE LÃ

L163m Laffin, Marcos
Muralhas de lã / Marcos Laffin. – Florianópolis : Apoio Editora, 2012.
68 p. : il.

1. Prosa brasileira. 2. Poesia brasileira. 3. Literatura. I. Título.

CDU: 869.0(81)-3

ISBN 978-85-66092-01-1

Catalogação na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

Marcos Laffin

MURALHAS DE LÃ

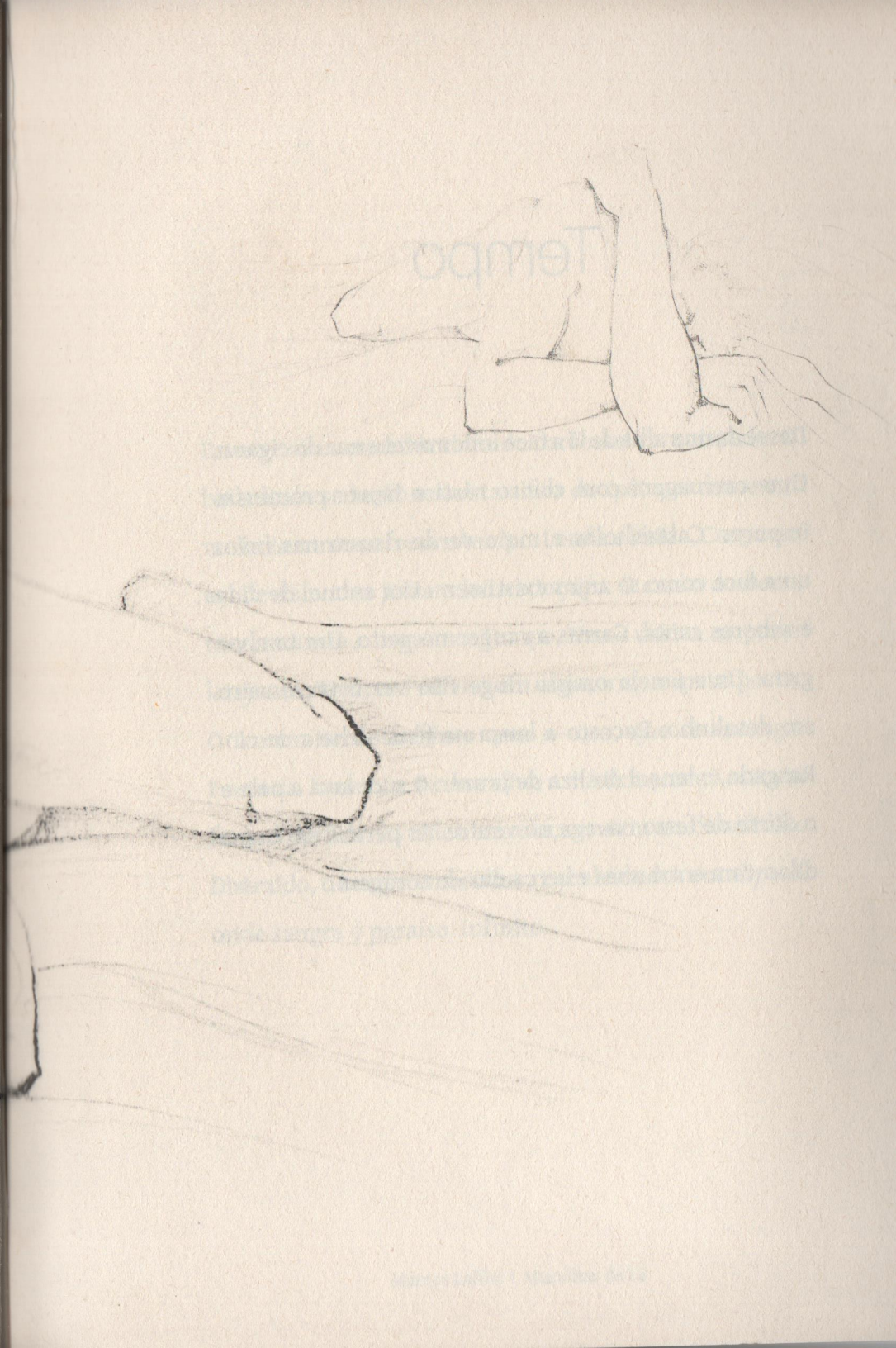
apoio
editora de textos

O deserto é vivo e tem umidade

Clarice Lispector

ERIDANUS

ERIDANUS



Tempo

Desce da muralha de lã a face indomável e nua do cigano. Uma carruagem com cheiro rústico benze promessas impuras. Castanholas e mato verde riscam nas mãos uma face como se anjos existissem. Um animal de vida e sabores canta. Garras a ranger no peito. Um tambor grita. Uma janela omissa finge não ver o travesseiro em desalinho. Encosto a lança na fêmea cheia de cio. Rasgado, o lençol desliza de prazer. O suor lava a pele e o dorso de ferro navega no ventre. As pernas em brasa dilaceram entranhas e cercanias de coragem.

Escorre um vermelho tinto do carrossel na quietude. O bailado da sedução encanta a flor do ipê, que desce em melodia como se fosse o tempo. Lenda e libido. Corpo no açude da nudez jorra o leite adoçado. O canto do bem-te-vi anuncia o orgasmo. Tempo. Nau à deriva na parte latejante. Tempo. Profano em algazarra, a mesa posta. O tronco verde faminto ama a rosa, que se entrega. Fantasia. Lamento. No baralho, a mística aracuã assovia feroz a partida. As mãos entrelaçam a viuvez da solidão. Distraído, o tempo embrulha a cabeleira dos eucaliptos, onde sangra o paraíso. Infinito.

ERIDANUS

ERIDANUS

Terra

Manhã ardida atravessa a rua quieta. Tarde com cheiro de tangerinas. O sol volta em volúpia. Suor. Ardiloso, dilacera a entranha da nudez. O âmago é forte, vivo. Desliza a raiz. Rasga as cavidades. Casas antigas em salas de grandes divãs. Um bairro quase esquecido. Lugar para voar. Luas e oceanos de encontros e suas despedidas. Salinidade nos lábios. O lobo geme no silêncio. Condensa o lago. Fronteira indefinida. Infinita.

Cinturão de afetos. Vestígios do mundo em todos os solstícios. Coração e língua. Ossos queimam a madeira e o mel. Vermelho no sul e azul no norte. Verde em tudo. De repente, fogo. Signo devasso. Amar de bêbado que viu a fêmea. A lembrança é o ritual. Embriaguez. Cordas nos pulsos. Suspensos. Pescoço apertado. Grita. Geme. Goza. Basta. Rodopia o vento trazendo memórias. Bairro quieto lateja dentro de mim.

Elefante

Há um contraste entre a pele e o sentimento. No couro rígido, a língua amarga não me abate. Nada me enrubesce. Nem a pedra e nem a chuva. Sutilezas me caçam quando miro o dorso nas águas. Carrego o tronco cafajeste - território viajante a deslizar em delicadezas de força. Guardo na memória a esfinge do agreste. Não guardo mistérios. Afronto os costumes. Sei nadar.

Despido, o sexo é sexo e é múltiplo. Não me perco em terra traiçoeira. Na penumbra do safári, faço devassa em águas mornas. Com a virilha, faço ranger as catedrais. Caço o cheiro. Na distância dos afagos lanço o ferrão selvagem. Nos contrários do abandono, carrego a acidez do império.

Jacaré

Existe um paraíso em meu corpo. Nele, a fome é obscena. Águas disfarçam o sangue. Latejam o medo e o ímpeto. Deslizo, devoro a infidelidade. A posse dilacera o Pantanal. Ecoa o grito rude da dor. O caule rasteja a língua nas vazantes. Animal enfurecido. Terra sem chão. Pântano embriagado desalinha o entardecer. Rei tecendo fibra em nervura animal. Rasgo das inocências. Cavernas no bordar do tempo. Estou em tudo. Tenho tudo. Meus anéis em tuas mãos. Cobiça. Açoite. Mansidão. Nuvens verdes no céu. Coração apertado. Fêmeas voam. Ninguém mais. Lâmina. Revolta.

O corpo se torce entre as cochas de macho. Ombros largos e rudez na voz: voracidade nas fêmeas que amei. O bolero mergulha nos olhos. Silêncios. Esqueço as andanças. Sento-me numa pedra movediça: condeno o sol por ser menor que meus afetos. Terreno cobiçado. Vazio. Volúpia de águas. Tempestade. Vento destemido. Estrelas. Invasões. Inunda de seca, o chão tatuado de fome. O deserto fez-me outro. Renúncia. Bocas mordem a obscena carne exilada. Avesso, reviro minhas partes. Brinquei. Provoquei os sentidos. Insaciável. Lascas em cordéis de couro: terreno baldio.

Padre

As mãos carregavam o dilúvio do rosto. Era quase tarde. Brotava uma nova fase. Calma – como quem contempla uma toalha bordada à mão sob o filtro do sol. Sufocava o sexo em galopes. Presos nos fios do aparador da serra, os varais envolviam panos e remendos. Toda seda era trapo. Não oferecia resistências. Agarrava uma lua, sua ramagem se prendia na hera dos muros castos. Eram as confissões. Carmim e arroubos. Vícios. Amantes envelhecidos. Furor e nudez no tempo ainda indecifrável. A reza seduzia e alimentava a traição. Promessas. As desilusões das juras anoitecidas preparavam a carne para novas novenas. Sete dias de jejum absoluto. Chá de alecrim como unção nas partes afogadas. Aroma de margaridas do campo para retardar o pensamento. Uma faixa de cetim lilás sobre os olhos para flagelar toda intenção do fogo posto em brasa.

Palmeiras desfilavam arrogantes. Espalhava cartas no chão. Santos e doidos, nunca um equilíbrio. Sempre flechas, extremos, paredões. Derramava agora as pedras rubras, ruças, embalsamadas pelo sal grosso. Pedras cultivadas para as noites de peste e tempestades. Eram colagens de corpos, visões contra a parede de cor neutra. Finge não ser nada. Finge não conhecer essa máscara. Finge brincar mais um carnaval. Finge em infinitos. Nada disfarça o desejo, e a boca faz temporal querendo ser bailarina, ser vento, ser pedra. Volúpia. O vulto que ronda por detrás de um voal não restaura o tempo. Assume a dança infinita no frenesi dos anéis de Saturno. O finito faz ranger a língua por entre os lábios. Nas mãos, um lenço branco, uma carta em branco, uma pedra ruça e um amargo tempero, já velho e conhecido. Nas esquinas suas lacunas. Amordaçou as novenas. Minguante. Crescente. Cheia ... Nova outra vez.

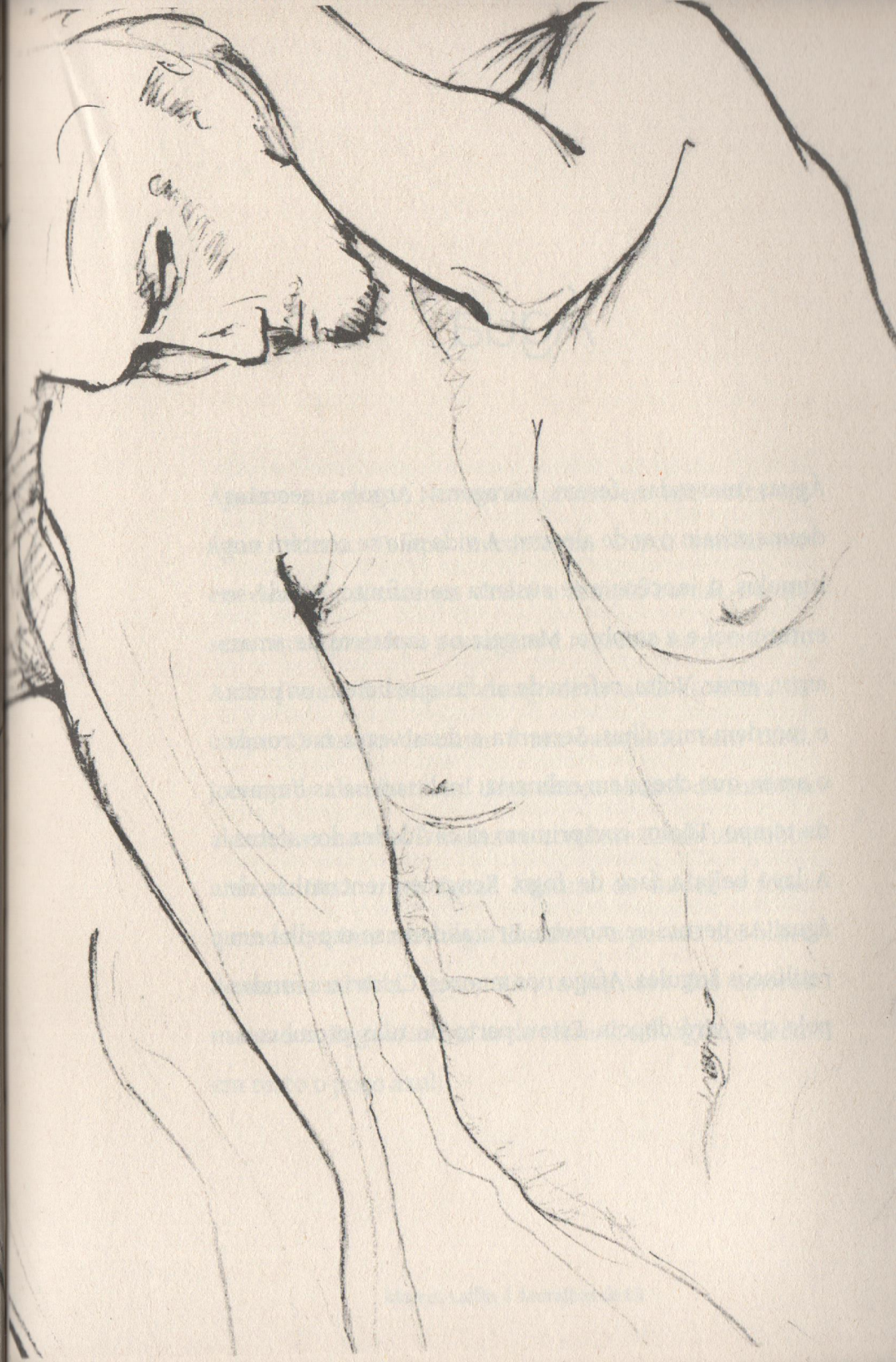
Abutre

Tenho poucas certezas. E esta é a minha sentença. Tenho a feiura de não ter sido o amor. Em minha infância, tinha em minha mãe o mais gordo dos abraços. Era uma mulher de uma estrutura inabalável. Segurava a vida com a rusticidade que o campo impôs as suas mãos. Daquela época, guardo o sublime. Lembro-me do barro enterrado em suas unhas, do suor escorrido no corpo que, depois de tudo, à margem do riacho das confissões, com seu sabão de tomar banho, benzia seu corpo para o outro anoitecer. Lembro-me também de que na alvorada dos dias de fastio, sentada em sua cadeira de balanço, com a palha entre os dedos, ela tentava decifrar nos ruídos os bichos da mata. Desenhos com a fumaça que lhe consumia estátuas mutantes: suas memórias. Eu nada sabia da solidão. Aprendi a solidão. Lembro dos carinhos da infância. Minha mãe, suas mãos grossas pelo arado do dia, agora roçavam meu rosto de menino. Esse afeto cavou nervuras em minha face. Tenho hoje um rosto cicatrizado. Poucos adereços tenho.

O tempo violentou margens em mim. Tenho ainda o peito forte que procura um afago selvagem e domesticador. Teimo em não querer um amor de comparações. Tenho as minhas lágrimas. Um corpo que envelhece com a ausência da floração de troncos e jacatirões. Meus vazios são infinitos. Minha boca jamais saqueada pelo frescor dos eucaliptos, nem sequer, pela ternura ou pela insensatez dos morangos em amadurecimento. Restam poucas coisas. Rua e olhares de escárnio. Ruas cobertas de poeira e luas sempre minguantes me devolvem ao canavial das esperas. No espelho, o canto triste das arapongas, lembra sempre a ausência dos sinos de um juramento: do sim eterno. Nunca sofrerei a paternidade, porque meu falo umedecido se desmanchou em deserto. Meus vazios são imensos de solidão. Sou um pássaro que o mundo vê apenas pelas margens. Um pássaro: um vulcão interno. Meus lábios cerrados, franzinos, balbuciando a solidão. Confesso meu choro. O meu vaga-lume foi apenas por mim percebido. Sou um pássaro feio.

SIRIUS

SIRIUS



Água

Águas mareadas ferem miragens. Argolas secretas desmancham o ar de alecrim. A vida não se contém nos túmulos. A inocência se ausenta no infinito. Divide-se entre o sol e a sombra. Margeia os canteiros de amar, amar, amar. Volta, refeita de ondas que batem na praia e mordem muralhas. Sessenta e duas vezes me ronda o amor, que chega em calmaria. Inclinam-se as línguas do tempo. Tijolos comprimem as cavidades dos afetos. A lava beija a face do fogo. Renascem entranhas de água. As pernas se movem. Brutalidade se espalha em retilíneos ângulos. Afago nos amores. Cicatrizes fundas pelo que virá depois. Estou perto de tuas promessas.

Águia e sua presa. Nuvem de primavera não volta em água morna. Tempo inexistente. Deixo rondar-me em deslizes. A caserna viril é o templo carnal. Desejo sem rito. Aprendo a passagem e regresso ao primitivo. Amor livre e devasso. O desejo se lava na escritura do corpo. O desejo de amar é um banquete. Sem tabu, jorram os clandestinos. Uma dança abaixo do umbigo alcança as nuvens. É nudez no combate. Exala um sabor animal. Uma troca igual. Mistura de nudez e fome quando queima a entrega. Lucidez. As pernas dos olhos devassam a vida. Gozo. Vivo a liquidez dos amores marcados. Engulo as frutas do terreno selvagem e deixo em resto o poço azul.

Tigre

O tempo dessalga a virilha. Ficaram azedas e enferrujadas as memórias. Cavei a Lua em sedução. Ceguei o desejo. Na beira do rio, porções da água encantada. A porta desse rio geme na tortura dos silêncios. O olhar de fogo acende as desobediências. A nudez dos pelos dilacera o pânico do precipício. No chão de terra, as marcas em gotas leitosas corroídas pelo sono dos zangões. No abrigo da noite debrucei os braços e esfreguei o sexo contra a parede, num desatino de romper jaulas. Braços intrusos alargaram o ventre. Fiz do corpo um vitral.

O gemido do tigre é meu canto. As mãos grandes acariciam as sobras que chegam como castigo neste rio nada calmo. Sempre fui porções, nunca uma entrega, por isso as migalhas que sobrei. Cheiro de incenso a agarrar os olhos da presa. Sempre inocente. No humano que sou criei a fera e rasgo a noiva que rompe as armadilhas do oceano. Animal insano, como um galeão em fúria, sobrevive ao naufrágio. O menino que descobre o homem quer ser o tigre, e no reflexo do homem grita o asilo. É Lua nova. Um novo ritual. Arrasto nos braços a lentidão, e no lençol exalo a violência quando atravesso teus véus.

Tubarão

Eram três. Três também eram os seus desejos. Hastes inclinadas resistiam aos vendavais. Corpos justos dançavam na virilidade ainda escondida. O mar é o mar e jamais os faz tímidos. Aqueles eucaliptos, agora erigidos, eretos, apontam para um destino. Eram três. Não há esquecimento. O medo, agora despido, faz algazarra em pleno oceano. A quietude faz jorrar sândalos: peixes morrem no mergulho. Enterram-se os fantasmas que afugentam fêmeas. Soluços desalojam a arrogância dos olhos cerrados em seios lambidos pela Via-Láctea. Eram três também os desejos. Abrem-se à força os redemoinhos de cobiças sobre o circo afrodisíaco dos ramos ainda virgens. Arremata-lhe a paciência essa fluidez da luxúria. Repetem-se anjos em desgosto. Ventos atormentam a terra movediça: revanche nas certezas. Indecifráveis, ciscos e farpas queimam nos currais que gemem. Eram três. Três também eram os desejos.

As rendições não eram renúncias. Um oceano e suas tardes de instinto. Avareza de gemidos. Um primitivo cio rouba o roçar das muralhas. Um bálsamo em vigília percorre-lhe as escamas. Alucina o cheiro de azul encarnado na alfazema da entrega. Nesse aquário, peixes se amam. O tubarão seduz o cavalo marinho que seduz a piranha que seduz o dourado que cega o polvo. Vês? E tudo perto das marés rasantes, onde o limo do corpo deita na quietude da água encarnada. Corpo alongado, cansado do adormecer, curva-se ao gozo. Tubarões verdes amanhecem machos. Quem não viu? Quem não viu o mar com suas nervuras curvas copulando os Tubarões? Nascem cerejas no oceano como ferraduras marcadas de primavera. A barbatana assovia um ruído que ladra o cio: não lamenta a madrugada. Na maré baixa surgem os machos à procura de suas lendas. Absolutos diante de si, amam-se três vezes ao dia.

Pescador

Sossegado, desfio a carne que procura o amor nas tempestades. O sol derrete nos braços o ardume da solidão. Entrego-me ao mar. Ciscam os dedos da reza. Queima o pescador na liquidez do mar. No regresso, o mar insinua seus labirintos. Dentro do remador a lua recolhe seus perfumes. Cardumes e pescados em regiões alagadiças fecundam a sedução pelo avesso. Então voltas. Voltas como aquele vento avassalador que se solta das muralhas e finge a quietude. Preferi o engano e disfarcei o vazio com folhas de limoeiro. Era o amor que eu procurava. Fiz em meu corpo estátuas rubras de sol profundo. Não restaram sombras. Nem o olhar faminto de redes entristeceu os gemidos. Adormeci no mar. Engano em fingir a quietude, esse vento que violenta a face de resíduos vermelhos. O enredo de cantos percorre a colônia das tarrafas e no baralho reviro o tempo e os amores clandestinos. Volto sempre na noite perdida. Nem paredes eu tenho.

Canto e conto com lamento o esquecimento das marés. Insaciável o convés acaricia o peixe - embarcação robusta de mastro firme e remador. O tempo nunca virou. Cardumes consomem a lança do sexo fácil, nativo e incessante. Nenhum embargo nas rotas da rede farta de pele. Nenhum naufrágio. Renascem nas águas do vale os silêncios do recreio azul. Uma fluida escritura golpeia sentimentos perdidos. Os remos enfrentam as marés e a pele descama nos tempos de retornar. Rouba-me a doçura da valsa, de um poetar, de um querer de longa procura, dentro das paixões em plena confissão. Eu bem quis, no querer das palavras que vazam da pele, os lábios onde se movem as estrelas. Abastecido de brisa, deixo as tempestades. Voltas. Fogo colérico. Desfaz-se a calmaria da carne, acostumada à viuvez das horas. Voltas. Aquece a corrediça quietude enclausurada. Procurei sempre, em outros mares, o vento que liberta as muralhas.

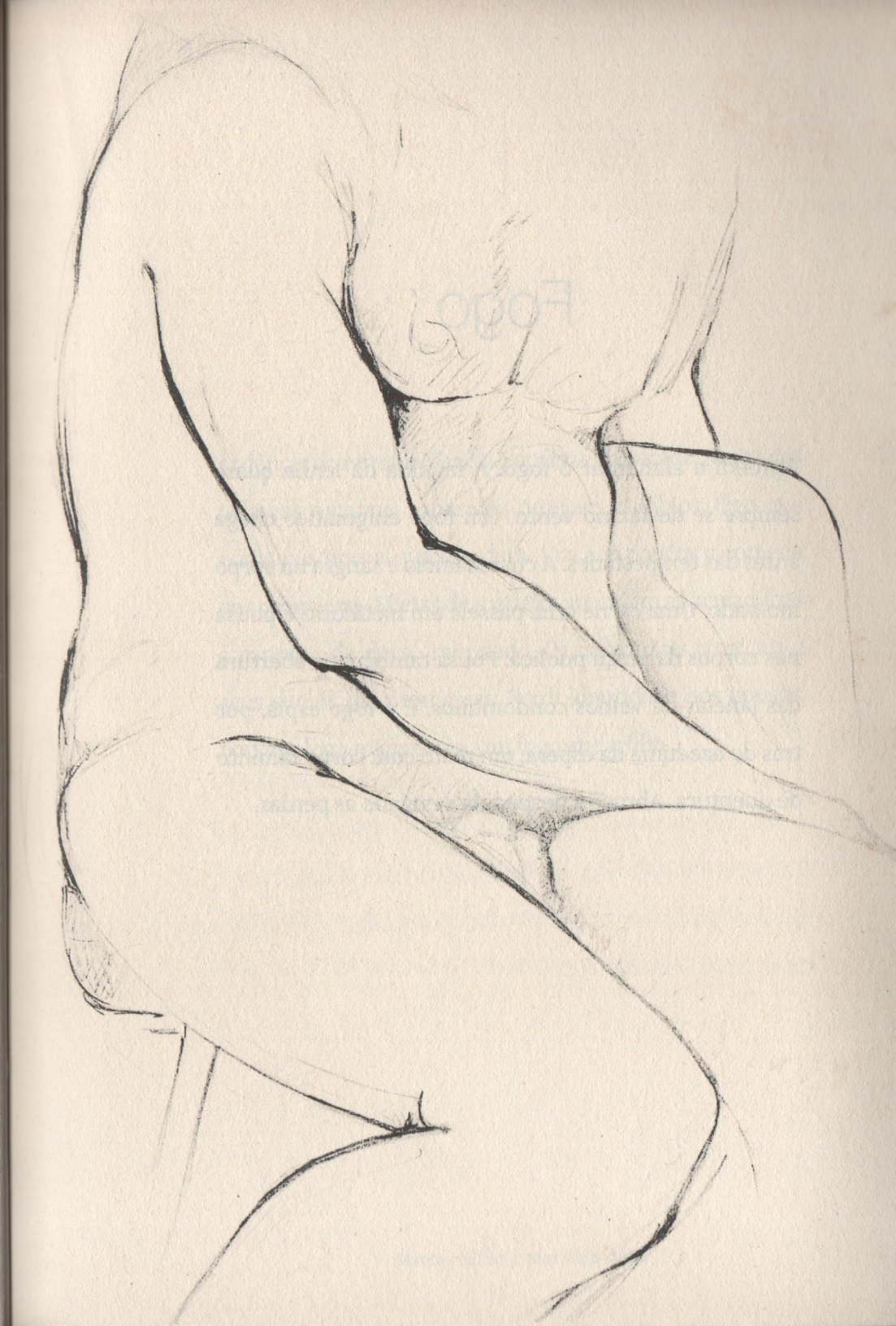
Arara

Geme o pião da infância no girar desse desejo. Porões escondem as cavidades e a sedução. Brinco de soprar as labaredas do mundo e desaprendo sempre, por teimosia, que suas fagulhas dilaceram as árvores pousantes. Na orla, entre palmeiras, os odores do cio são maiores que as dores da conquista. Renovo minhas asas. Esfrego os dedos nos lábios, esse vulcão de seiva destilada. A fome lambe a pulsação dos pés e umbigo. Cenas de uma paixão: lavas de agonia em sinuoso algodão.

Arrastado pelo desejo mimoso da noite e de acenos perdidos, removo as brumas da despedida. O voo é palco aberto de sedução em terrenos baldios. Minhas asas pedem o pouso. Desce como pedra bruta o viço da fertilidade: homem bruxo, príncipe, sorriso que algema o pássaro encantado. Faço zumbido nos dedos. Ameaço magias. Busco tua presença. Revelo o rosto repetido: conchas de olorum na baía dos matos, na orla das carnes charqueadas. Eis a arara desnuda, com um coral nos lábios e acenando os precipícios.

APUS

APUS



Fogo

Aprendi a alimentar o fogo. A fagulha da lenha quase sempre se desfaz no vento. Um fogo enigmático chega antes das tempestades. A chama imola e sangra no corpo molhado. Uma carne crua passeia em metáforas e pousa nos corpos da praça pública. Pousa também na abertura das janelas de velhos condomínios. E o fogo espia, por trás do azedume da espera, um rosto com corpo faminto de quentura. Abraço a despedida e engano as perdas.

Ardência do retrato silencia a queima do pecado. Rasgo das palavras o ciúme. Labaredas desejam os lábios. Figo que nasce nas brasas que mordem. Voa aos poucos a cortesia das promessas. Filetes de madeira arrumam as armadilhas à espreita de dorso prendado. Os bambuzais tropicais e seus sumos são promessas. Perdi identidade nos pousos. Sou um fogo migratório. Um fogo andarilho.

Cavalo

Há um caminho fora da estrada. Alonga as rédeas e embriaga a fome. Abrigo o tempo nos segredos das cavidades. Desaprendo a tentação dos atalhos. No peso das alegrias vasculho o esquecimento. Descanso na umidade das terras aradas. Recolho, com a fúria do coito, o manejo no feitiço da fêmea. Não faço alegorias. Na moldura uma casta simples. Tipo crioulo criado na roça. A força vem do campo, das terras líquidas. A virilidade de um discreto cavalgar. Garanhão. Corpo enxertado. Ninguém ouviu de mim das paredes que rompi. Migrante. Mouro. Um olhar reluz no covil da cortesã. A sedução da monta beija minhas entranhas.

Instinto dos lábios. Desfaz a avareza dos afetos num indelicado abraço. Palavras, rinchadas minguantes sussurram em ouvidos malditos. Carrego carinho e paternidade. Quietude em minhas águas. Na lágrima, o olhar da solidão. Limpo o olhar devastado pela fúria das pernas. Instinto xucro. Monto nas aladas promessas das pastagens. Língua saciada no cheiro verde do solstício. Condenado, combato a euforia na tesura do corpo. Robusto. Descarto o jeito grosseiro e a pouca lida com o poema. Ereto e rijo, um celeiro de vaidades se avoluma. Madrugadas de relinchar em sofreguidão. Atravesso rios do riso indomado.

Boto

O vento chora nos ouvidos. Impõe mordaças no corpo do menino que virou boto. Ele se esconde na volúpia das águas de Iemanjá. Vem daí um canto que se lança em redes e espumas. Na meia-noite, no meio do corpo em alecrim, a cigana traz o amor. Na ponte, o boto devassa a montaria, peixe e lua imersos nas cavidades. Sangram as entranhas da língua. A boca foge do último beijo.

Encanta a promessa das ausências. Hora de voltar, hora de partir. Atormenta o destino, recolhe moedas e as sobras da saia da cortesã. O murmúrio das águas lamenta o corpo. O lado de dentro, encolhido, adormece na miséria da vigília. Outra vez o rio remove os escondidos e engole o olho que olha o sol. O boto estende sete rosas que mergulham em lábios de mel. Na colheita, o menino de pele nua devora o anel no tapete vermelho

Mecânico

No terno azul manchado de sangue desenho histórias quando os dedos arrastam o suor das engrenagens. As noites acenam a queda das imagens na crueza das partidas. Recolho parte dos afetos perdidos. Na bancada, um exílio de porções do engano em tentativas de purificação. O novo já é memória da pele amanhecida. O tempo dorme nos acasos e deixa escorrer líquidos da cicatriz. Quem há de limpar? Estou dentro da palavra e não a reconheço.

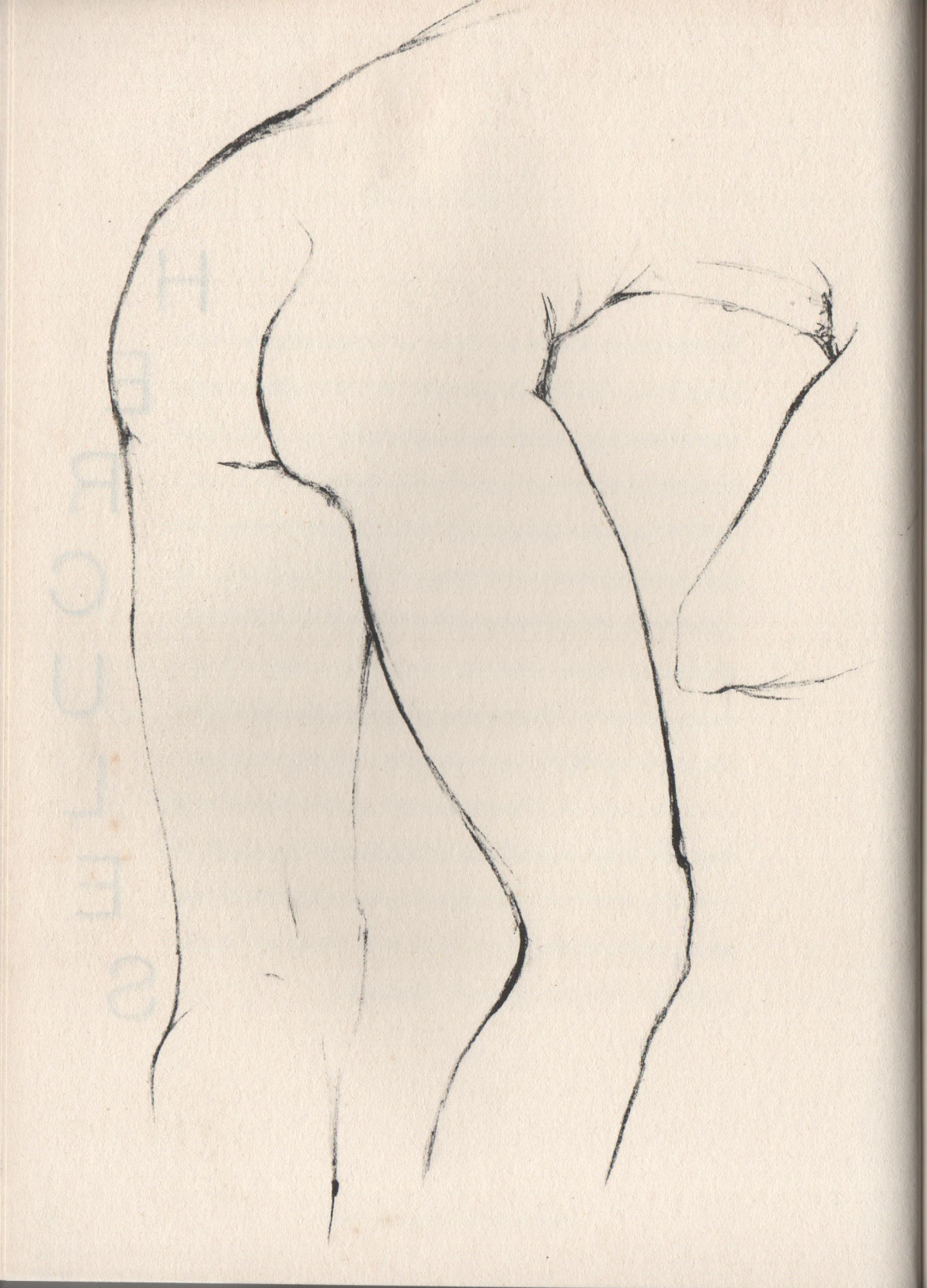
Recolho do colo da infância a ternura indelével de um amor. As águas são inquietas. Irresistíveis. Esfrego no peito encharcado canções destemidas. Removo as moedas do Desejo. Na tarde que amadurece, percorrem dízimas de perdão. Longe, ouve-se o lamento de árvores no rancho em crepúsculo. Instinto. Insiste. Solista. Concerto e equilíbrio. O mar nas mãos. As partidas trazem outra vida. Não é a última vez. Trombetas silenciam. As botinas descansam quando o corpo morde o céu.

Guará

Entre sussurros malditos, lábios espremem o sentido das palavras. Pulsações de sentimentos, rasgam por dentro a nudez. O fogo foge nas mãos longas que violentam agruras de abandono. Percorrem entranhas do corpo ainda azulado e quarado pelas noites de espera. É muito fácil apaixonar-se por ti, que manténs a distância viril entre a fome das asas e a fome dos pés. Não sucumbes frente à face mortal da inocência. Nas tempestades e também nas manhãs de brisa, manejas bem as lufadas que o corpo esparrama, calando as refeições que os braços arqueados rastelam. São imperfeições, eu sei, o cântaro dos silvestres, a pastagem dos corcéis e o voo livre nos aparados da serra. Canto as toadas de Lomba Grande e do Boi-barroso, mas meus olhos urbanos de asfalto ferem e não reconhecem as pontes de teu bálsamo. Tudo lateja como o pulsar de um parto e tudo se dilui como o algodão doce nos lábios do lobo. Sobram lascas de carne e sangue atrás de uma porta entreaberta: são os dízimos da descrença renegada e não domesticada. Secam-se as lágrimas e a paixão, enroladas em lençóis de tentativas. É muito fácil apaixonar-se por ti. Vontades fingidas não cegam as feridas. Nelas, redemoinhos tomam a astúcia das estátuas e refaço as asas de um guará. Abastecido pelo encanto, amanheço vassalo do corpo viril ao junco, oferta que ignora a delicadeza de quem é amável. Ninguém vê esse mergulho avermelhado. Ninguém quer a jaula aberta de mãos que aninham carícias, e, no instinto migratório, pousam tuas dores. Faminto, adormeço na lava dos dias. Ninguém vê os que sagram e navegam.

HERCULES

HERCULES



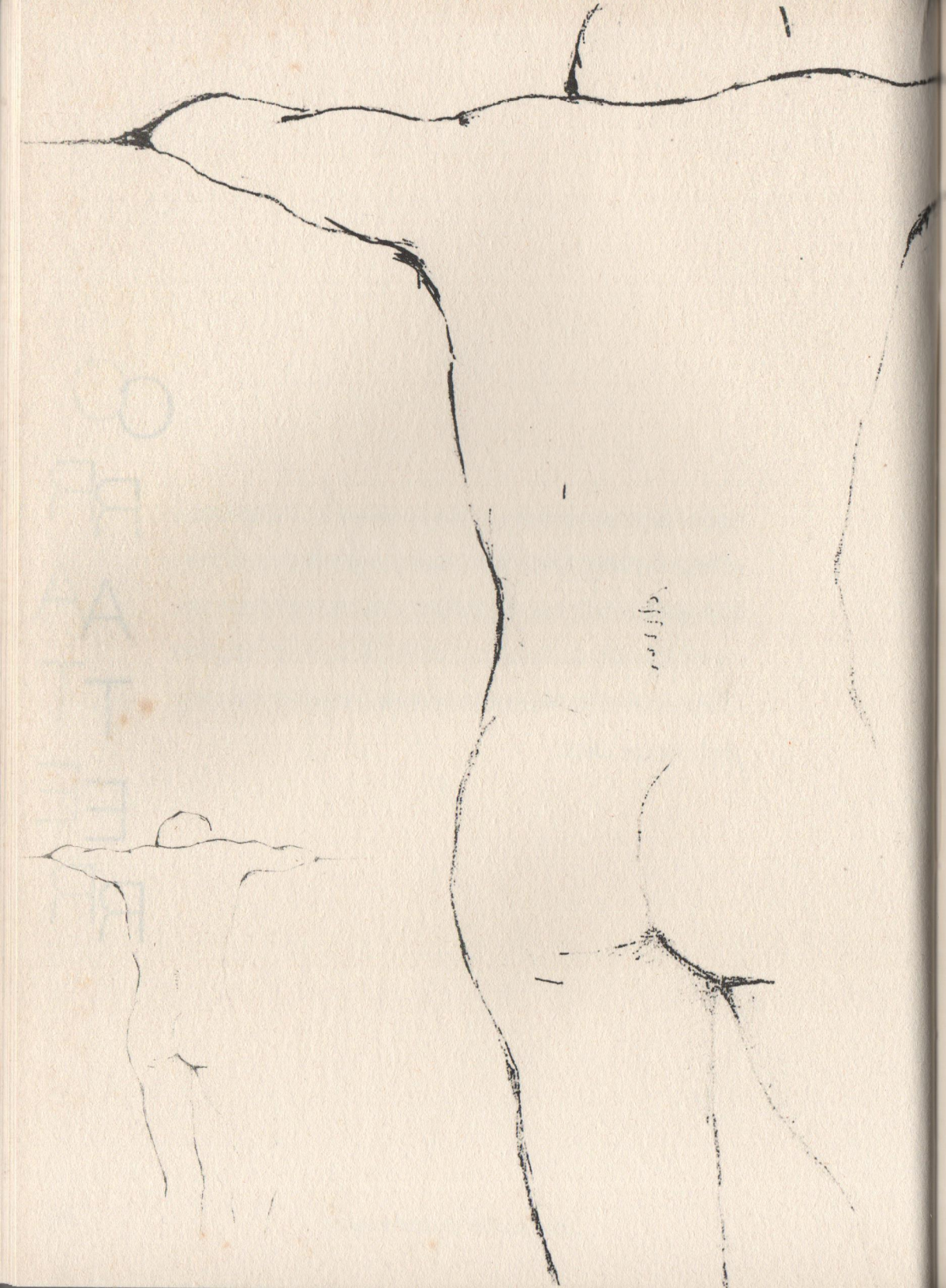
Ar

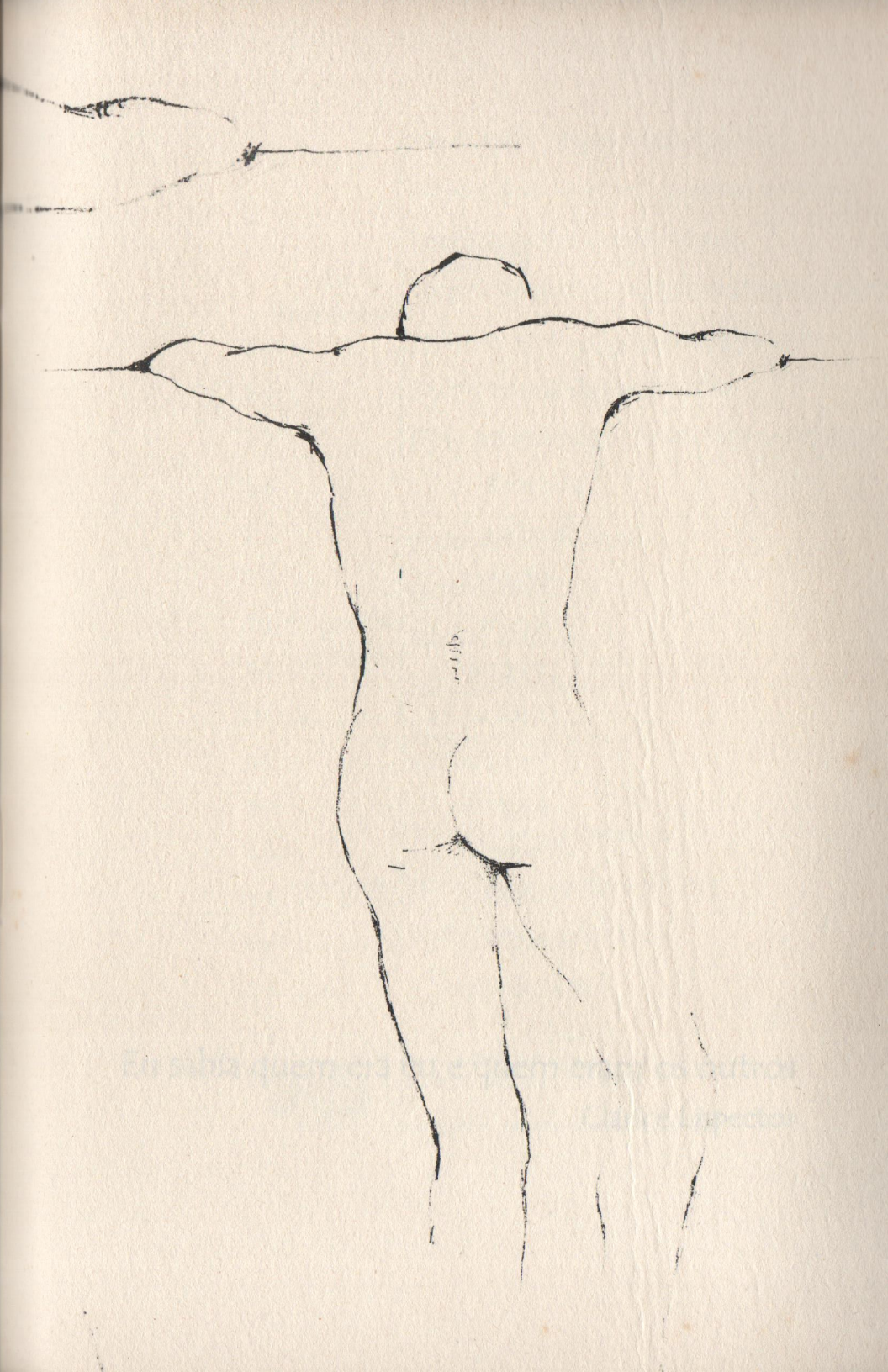
Aqui e ali. Em qualquer lugar, fui todas as urgências. Domei os vestígios do medo. Abri sem pudor as cerejas: o signo e farol do deserto. Quis dizer e disse: fiz-me sol, garimpeiro da nudez. Líquido de aço. Cantei o bem-te-vi em palmitos verdes. Vivi espinhos e pétalas.

Espiei agonias. Castrei o cavalo-marinho. Voei águia solitária. Voltei. Enfrentei o mar. Fingi a morte. Orgias. Esfreguei o talo nas castanhas e lambi as cicatrizes. Cerzi a lua dos mortos. Vazio. Eterno. Devorei dragões. Queimei. Ventei. Voltei. Despedida. Engoli a vida. Na tarde longa, amei.

CRATER

CRATER





Eu sabia quem era eu e quem eram os outros

Clarice Lispector

ÍNDICE

Tempo 12
Terra 18
Elefante 20
Jacaré. 22
Padre 24
Abutre 26
Água 32
Tigre. 34
Tubarão. 36
Pescador 38
Arara. 40
Fogo. 46
Cavalo 48
Boto 50
Mecânico. 52
Guará 54
Ar 60

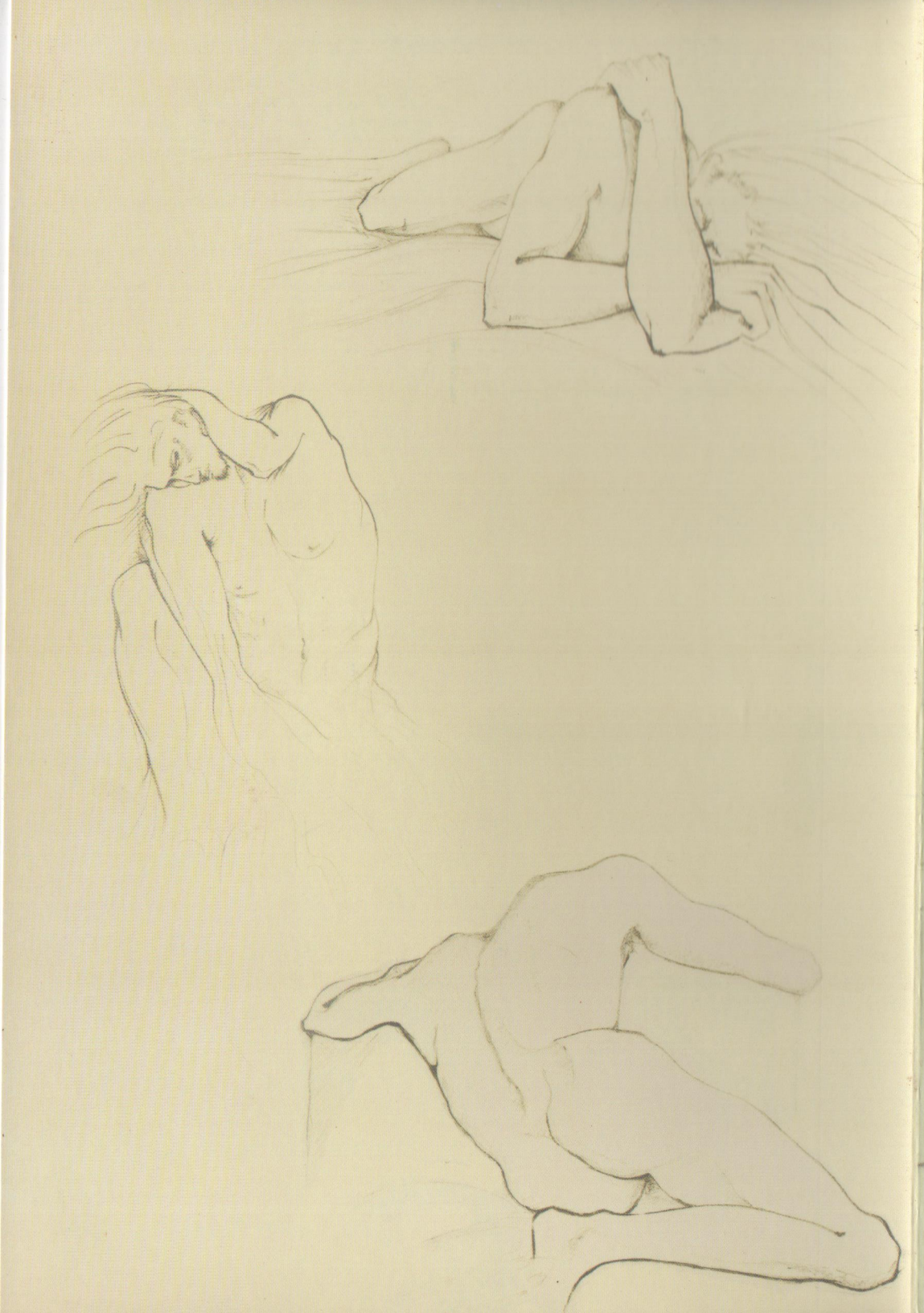
Comissão Organizadora

Marcos Laffin – Textos – Muralhas de Lã
Beatriz Helena Dal Molin – Assessoria de Projeto
Mara Cristina Fischer Rese – Revisão
Verônica Hmeljevski – Tratamento e Montagem de Imagens
Guilherme Ternes – Fotografias Digitalizadas
Ana Hmeljevski – Ilustrações e Capa
Felipe Augusto Franke – Projeto Gráfico e Diagramação

Conselho Editorial

Beatriz Helena Dal Molin
Dunia de Freitas
Rita de Cassia Alves
Enise Barter Teixeira
Rubens da Cunha

Execução

Adriana Castoldi - Jornalista
Marlei Magro – Relações Públicas
Raul Schmitt – Publicitário

apoio editora de textos
Apoio Editora Comunicação
www.apoiocomunicacao.com.br
2012
Florianópolis – Santa Catarina - (48) 3223-4647